



# MAGNETICA

REVISTA DIGITAL

EDIÇÃO 15 | MAR. 26



# Manifesto

*Altura, abertura e profundez*

MAGNÉTICA é uma plataforma para a criação, produção, editoração e divulgação de textos escritos pelos seus participantes. Textos com a gravidade, a luz, o ritmo - o fluxo da mente, do espírito - de quem com ela quiser seguir.

O foco é o ato de escrever como meditação ativa e criadora, a experiência do instante como expansão, extensão do pensamento: que as frases, temas e ideias se façam como o meio, e o fim seja tecido de si mesmo nos muitos caminhos e formas de cada um.

E que não se invista na trama do que contrai, do que repele, do que reduz, do que falseia; do que distorce, do que separa, do que condena. Nenhum símbolo do que não é deve aqui ser ampliado.

# OS ATRAÍDOS

Meu nome é Eliana, com A no final, se não quiser confundir, pode me chamar de Eli. Tenho 57 anos, uma filha e três gatos. Magnética, o que me atrai são as cores, as artes, boa comida, bons amigos, viagens. Me causam repulsa a desigualdade, as injustiças, as coisas mal feitas, o cheiro do ralo e baratas.



Sou Mario. Sem acento no "a", mas aceito se você o colocar. Tenho 57 anos. Geminiano com ascendente em Capricórnio. Não acredito em horóscopo, mas me divirto. Magnético, sou atraído por todo tipo de conhecimento e novas linguagens. Repilo a injustiça, a desonestidade e todo um espectro de escatologias.



Sou Paula Bessa. Cinquenta anos em janeiro... capricorniana. E, talvez por isso, brava, teimosa e rígida à beça. Recentemente, descobri o quanto os dois "esses" do meu nome suavizam meu caminho. Gosto das possibilidades das curvas acentuadas que esses dois circuitos lado a lado me oferecem. Magnética, adoro o tempo das reticências e de contar detalhadamente uma história. Então, estranho quem diz "texto muito longo"... me parece sempre, no mínimo, curioso.



Meu nome é Ana Maria Malik. Filha de imigrantes da Europa do Leste, minha mãe tinha ficado orgulhosíssima de me dar um nome tão brasileiro. Na verdade, latino. Que inspirou músicas e poemas. Setentinha, mas ainda brigo com o espelho, pois aquela me olha de manhã não sou eu (depois, como sou resiliente, me acostumo). Geminiana, adoro palavras e músicas. Magnética, adoro conviver com gente. E sou reconhecida por isso. O que me revolta é a desigualdade. Nunca a diversidade.



Meu nome é Renato. Tenho 64 anos e já nasci algumas vezes nesta vida - daí o nome. Magnético, sinto atração por coisas secas: substantivos, desertos, estradas de terra e uva passa. Sinto repulsão por coisas gosmentas: diminutivos, quiabo, jaca, lesma e o Alien ao nascer.



Meu nome é Sérvio, Sérvio Túlio, com 'v'. Não 'g'. 'V'... sim, com 'v' mesmo. Não foi erro no cartório, nem pais criativos, mas o avô que ensinava latim. Tenho 55 anos. Magnético, me atrai o rigor do que inclui, do que explica, do que conecta; a linguagem, as gramáticas, as equações. Tenho repulsa regurgitante a tudo que na frase "na prática a teoria é outra" pode estar implícito, oculto ou atolado.



# OS IMANTADOS

Sou a Luciana França Bernardino. Descobri cedo demais que as secretárias das escolas não gostavam de usar o Ç, o que me obrigava a me afirmar nas chamadas, dia sim, dia também. “Luciana Franca?” “Presente. É França.” Curioso, que hoje, quando eu não poderia me importar menos que errem meu nome na espera para fazer um exame, as pessoas começaram a digitar o Ç. Talvez, junto comigo, o teclado tenha mudado. Magnética, porque histórias são feitas para serem lidas. Porque histórias existem para serem contadas.



Guilherme, muito prazer. Mas qual Guilherme? Sou tantos, incluindo o imigrante cujo nome ninguém consegue dizer. Se penso que passei a vida ridicularizando quem acredita em horóscopo, definir-me como sagitariano me soa divertidamente rebelde e maliciosamente libertador. Magnetizam-me a música, a literatura e toda forma de hibridez, tão bem sintetizada em meu signo. O que me repele são os pensamentos dogmáticos, o antropocentrismo e a ideia de pureza.



Meu nome é Renata. Tenho 64 anos. Daqui a três anos, me aposento e mudo de fase. O que mais me anima é não precisar ir ao mesmo lugar, na mesma hora, todos dias. Sou curiosa, perguntadeira, mais assertiva do que brava (não dá para agradar a todos). Não lido nada bem com a hipocrisia. Fiquei feliz pelo convite para participar desta edição.



# ÍNDICE

QUEM <b>Luciana França Bernardino</b>	08
EU QUERO VIAJAR <b>Guilherme Arruda Aranha</b>	09
PSIU! <b>Renata Hernandes</b>	10
MUDANÇA DE PELE <b>Renato Guimarães Ferreira</b>	12
NÃO SEI QUANTAS ALMAS TENHO <b>Ana Maria Malik</b>	15
QUEM ATRAVESSA A PORTA <b>Eliana Bianco</b>	18
EU ME PENSO AQUI COMO UM OUTRO <b>Sérvio Túlio Prado Júnior</b>	21
HETERÔNIMO <b>Mario Aquino</b>	22
MEDITAÇÕES DE QUIXOTE <b>Paula Bessa</b>	25

# QUEM

Se eu não fosse eu,  
Eu seria uma versão de mim?  
Ou seria eu o outro?

Alguém seria eu?  
Haveria outras versões de mim?  
O outro seria quem, já que eu seria o outro?

Fico sendo eu,  
As versões de mim, dentro de mim  
E o outro estranho a mim.

Afinal se eu SOU,  
Eu só posso  
Ser EU.



**Luciana França Bernardino**

# EU QUERO VIAJAR

eu quero viajar  
mas sem migo  
que eu não sou lá  
muito meu amigo

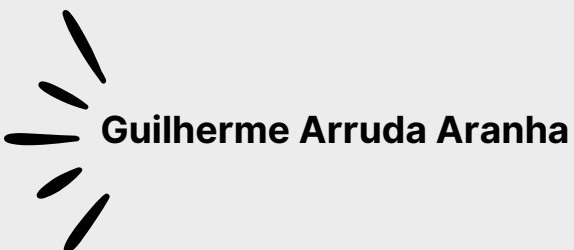
já não quero mais  
o homem severo  
juiz, algoz  
inquilino voraz

que se acha no direito  
de falar mal de mim  
zumbindo no meu ouvido  
um zumbido sem fim

quero divórcio  
despejo forçado  
reintegração de posse  
já tenho até advogado

não vejo a hora  
de habitar o meu domingo  
andar pela praia pelado  
sem me importar comigo

faz sol agora  
só falta ver se consigo



# PSIU!

Olha para mim. Quero ser visto. Quero ser ouvido.

Sei que causo ambivalência: sou desejado, mas temido.

Porém, não deixo de estar disponível para você e para quem mais quiser. Estou em qualquer lugar.

Normalmente, sou mais requisitado em momentos de dor, morte, tristeza, sofrimento, desespero, busca de paz. (Preciso ser mais honesto, são um deleite os suspiros de amor.)

Admito que em qualquer dessas situações, posso causar barulho. Até mesmo angústia. Pode parecer estranho, porém vejo essa reação como uma qualidade, porque ela me torna capaz de promover encontros, dos mais diversos tipos, de você com você mesmo.

Algumas vezes, sou escondido de tal forma, que me sinto uma cavadeira, pronta para abrir buracos profundos. E abro! E estou certo dos bons resultados, quando a minha presença toma conta de tudo. Sei que não é fácil chegar aí, mas também não é difícil.

Eu sei também que o meu acolhimento faz desaparecer qualquer emoção, sentimento... Vale a pena!

Sabe que, às vezes, nem sei como sobrevivo à sua rotina barulhenta, causada por relações conflituosas, ambientes tóxicos, buscas ilusórias.

Calma, é só uma constatação; não vou desistir nunca de você. Mesmo sendo colocado bem no fundo da sua existência, seguiremos juntos. Eu, sempre bem-disposto, viu!

Não baixo a guarda nunca. Sabe por quê? Porque sei que você pode se entregar a qualquer momento. E repito, estarei pronto para você.

Agora, preciso contar como a minha presença reage quando VOCÊ baixa a guarda. O seu medo se esvai, mesmo estando numa imensa escuridão; o vazio, a falta de qualquer coisa, some, assim, num piscar de olhos.

Se você quiser, posso estar mais presente. Garanto que não vai se arrepender. Ah, claro, não necessito garantir, você já me fez companhia vez ou outra. É bom, não é mesmo? Sabemos que é.

Eu gosto de estar sempre com você, principalmente, nas suas idas à praia, no abraço sagrado do mar. O vai e vem das ondas me embala na prazerosa incerteza que de certeza se preenche - como algo aparentemente inócuo, mas que é um presente de paz, tranquilidade e gozo.

Isso me fez lembrar que tenho uma confissão a fazer. Acredita que é somente diante do 'ruído branco', provocado pelo som do mar, que livremente, sem ninguém pedir, me desnudo e me apresento, deixo de lado minha mudez habitual. Do silêncio saio para que você Silêncio me perceba.

**Renata Hernandez**



# MUDANÇA DE PELE

Estou cansado disso aqui – quero fazer outra coisa da vida. A vida sem horizonte das horas passadas no escritório me entendia. O horizonte sem vida da cidade que se levanta em concreto e aço me aborrece. A sala com a janela hermeticamente fechada, o ar-condicionado ligado, a luz acesa o dia todo não me deixam ver o tempo passar. Os minutos marcham, não fluem – eles se repetem, não se transformam. O mundo vasto, de largos horizontes, é reduzido a uma bolha que enclausura a pele, paralisa a mente e embrutece o coração. Quero mudar: trocar a pele morta e rígida por uma nova camada formada de sonho e vento. Quero o assombro nosso de cada dia.

Andei pensando em algumas possibilidades e a primeira que me ocorreu foi mudar-me para José Ignacio no Uruguai e me tornar vigia do farol. Eu ficaria o dia inteiro olhando o mar, sentindo o vento e cuidando para que a luz pudesse ser acesa todas as noites. Haveria muito o que fazer. Verificar continuamente lâmpadas, lentes, todos os sistemas elétricos. Prevenir a ferrugem que o sal, a umidade e o vento alimentam sem parar. Ficar atento para emitir sinais sonoros caso a neblina baixasse no encontro entre a Playa Brava, de ondas fortes, e a Playa Mansa, de águas calmas. Eu faria de tudo para que o farol não adormecesse nunca – fosse em noites de calma ou durante tempestades de vento, água e areia. Observaria o mar e o clima com olhos sempre bem abertos e, quando necessário, estabeleceria contato com os navegantes, errantes ou não. Na eventual calma das tardes, eu iria até o vilarejo para comprar pão, queijo e frutas – ameixas no verão, maçãs no inverno. A meu lado, o vento e nada mais. O mar.

Pensei também na possibilidade de mudar-me para Merzouga no Marrocos, em meio ao Saara, próximo às dunas douradas de Erg Chebbi. Ali eu seria amigo de um rei qualquer e guia de um camelo a que daria o nome de Baraka. Sentado a seu lado, entre meus amigos berberes, eu tomaria chá de menta, comeria tâmaras do oásis de Erfoud e contaria histórias de caravanas antigas que passaram por ali e não deixaram marcas na areia. Talvez tocasse os tambores. Eu seria um grande conhecedor de cada sinal dado pelo deserto e guardião do mistério de suas dunas que não param de se mover. Mesmo com os olhos cheios de areia, olharia para o deserto como quem olha para o mar – buscaria sinais e sentidos e os transformaria em pontes para a travessia. O deserto.

Pensei também na possibilidade de mudar-me para o Atacama e trabalhar como astrônomo em algum de seus observatórios. Talvez no ALMA, por causa de seu nome que me encanta, formado a partir das iniciais de seu nome inteiro *Atacama Large Millimeter/Submillimeter Array*. Lá eu seria um intérprete das luzes antigas que seriam captadas pelos telescópios, luzes que por anos atravessaram o espaço e chegaram até nós. Eu me maravilharia com aquele mosaico de tempos que o céu estrelado em terra seca formaria de luzes emitidas de distâncias diferentes em tempos distintos, mas que chegavam até mim naquele momento preciso, naquele momento precioso.

Alguém me alertou que o ALMA, na verdade, não é um telescópio, mas um conjunto de antenas parabólicas que ouve os sons do universo; uma espécie de “ouvido cósmico”. Tudo bem, eu resolvo isso lá, talvez trabalhe em outro lugar nas redondezas. Disseram-me que há vários observatórios instalados ali em função de suas condições únicas de ser um lugar alto, seco e escuro – totalmente aberto para receber as luzes do cosmos.

A altitude apresentaria suas demandas porque não fomos feitos para viver em lugares altos assim, mas eu me prepararia para lidar com elas e faria o que fosse necessário junto a meus colegas cientistas e poetas. Eu me encantaria todos os dias ao imaginar que aquilo que via poderia ter ocorrido antes mesmo de a Terra existir. Eu me encantaria também ao olhar para o meu próprio corpo e reconhecer nele o fato de que sou essencialmente poeira de estrelas. Quase tudo que há neste corpo hoje envelhecido foi formado em estrelas e liberado em explosões estelares. Ou seja, de certa forma, eu já fui estrela. Não apenas eu, mas tudo ao meu redor compartilha a mesma matéria primordial. O céu.

Atordoado e em estado de maravilhamento eu iria até Miscanti e Miñique, lagoas altiplânicas que, uma ao lado da outra, cercadas por morros e vulcões e donas do azul mais profundo do mundo, me resgatariam do espaço para voltar aos prazeres terrenos. Ao voltar para casa à noite, sem telescópios, eu olharia para o céu. O vento frio do deserto tocara meu rosto. Meus olhos ficariam mareados com a água primordial que me instituiu no mundo. E eu dormiria em paz.

**Renato Guimarães Ferreira**



# NÃO SEI QUANTAS ALMAS TENHO

(fazendo minhas as palavras de Fernando Pessoa)

Mesmo assim, na minha oitava década de vida, dificilmente eu posso me considerar uma página em branco. Gostaria, no entanto, de esclarecer que se mais vidas eu tivesse, mais vidas (ou frustrações) eu teria. Afinal, emoções importam.

Ao longo de todos esses anos confesso que foram poucas as escolhas que de fato fiz. O piano, o *ballet*, o francês, o inglês, o colégio, o intercâmbio, a faculdade...tudo veio vindo. Até mesmo os livros...às segundas à noite ia com papai comprar livros na Mestre Jou da Rua Augusta. Diziam que eu escolhia, mas era docemente induzida. Também, não havia a profusão de títulos que hoje há. Não sei se me atrairia o *best seller* atual, da série diário de um Banana. Mas li com prazer Minha Vida de Menina, de Helena Morley, além de todo o Monteiro Lobato do qual (desculpem a incorreção política) lembro até hoje do príncipe escamado (namorado de Narizinho) e do vestido da cor do mar com todos os seus peixinhos, encontrado no armário de madrepérola da Dona Aranha. Alta costura é pouco perto dessa exclusividade. Também me sinto bem próxima de Emília, Marquesa de Rabicó, Condessa das Três Estrelinhas, que não parou de falar desde o momento em que engoliu as pílulas do Doutor Caramujo...e falava asneiras, que lhe saiam incansavelmente pela famosa torneirinha. Eu gostaria de ter esta órtese como desculpa pelo que falo, mas nem isso escolhi.

Já está registrado na Magnética que não pretendo ir para o inferno e me esforço para isto. Tampouco sei como funciona o assunto (re-)encarnações, nem sei se existem. Mas espero não voltar como um inseto.

Nem mesmo como uma joaninha, que é um dos meus animaizinhos favoritos. As *coccinelles* (nome científico e em francês) ou *lady bugs* (só de ler esse nome já vejo a linda joaninha de pintinhas pretas no seu corpinho vermelho usando uma bolsa) ou ainda *mariquitas*, em espanhol, são símbolos de boa sorte, mas nem assim. Minha mãe dizia que lagartixas trazem sorte, mas prefiro não ocupar o mesmo espaço que uma delas e...o que dizer das baratas?

Será que eu voltaria como uma pessoa flexível, física e mentalmente? De fato, eu me esforço...faço yoga, pilates, mobilidade articular, já fiz bale e até tentei *lian gong* e mesmo assim continuo com a flexibilidade física de um halter. Quanto à mental, sigo o que dizia meu pai, depois de uma certa idade: o que sei, eu sei. Por que ficam inventando coisas novas? E o que eu acho certo há alguns séculos continuo achando certo. Aceito tudo, entendo tudo, posso ser levada a concordar com muita coisa, mas, por favor, dentro de limites.

O que mais eu poderia ser? Alguém religioso, contemplativo, justamente para me opor ao meu lado Emília, a tagarela. Alguém muito agressivo e belicoso, para me opor ao meu lado deixa a vida me levar. Ou finalmente alguém que vive e externa emoções intensamente, não apenas as deixa aparecer e sair do corpo como fortes dores musculares que só eu conheço.

Ou uma princesa...nunca vi tantas meninas fantasiadas de princesas andando pelas ruas. Quando ainda não são adolescentes, gosto muito de ver Cinderelas, Brancas de Neve, Belas Adormecidas, Elsas (difícilmente Annas) e que tais. Ou talvez princesas da vida real, que têm muito a se preocupar com imagem pública, etiqueta e coisas que nem imagino, apesar de gostar de acreditar que minha mãe me educou para ser da nobreza. Possivelmente isto faz delas mulheres que sofrem e cuja vida não é fácil,

ao contrário do que se imagina, exatamente como ocorre com aquelas conhecidas pelo mesmo eufemismo, de mulheres de vida fácil. No limite, fácil é a vida dos outros...porque não a conhecemos (ou, como dizia Caymmi, ninguém quer saber o trabalho que dá).

Talvez pudesse ser uma flor, um girassol que traz luz onde quer que esteja, ou uma rosa, que como dizia Malherbe, vive apenas um dia.[1] No entanto, ganhei na semana passada uma rosa já colhida, de uma senhora de 102 anos com quem fui almoçar, que durou lindamente, no vaso só com água, 4 dias. A vida, por vezes, não imita a arte.

Afinal, como dizia Sophia de Mello Breyner Andresen

*Apesar das ruínas e da morte,  
Onde sempre acabou cada ilusão,  
A força dos meus sonhos é tão forte,  
Que de tudo renasce a exaltação*

Termino citando uma portuguesa nascida sob o signo de Escorpião; comecei citando um outro português, geminiano. Isto não é nem uma rima nem uma solução, desculpe Drummond, mas um final que continua perguntando sobre minha alma singular, a menos que seja plural.

[1] et rose elle a vécu ce que vivent les roses, l'espace d'un matin

**Ana Maria Malik**



# QUEM ATRAVESSA A PORTA?

Na sala de espera de uma repartição pública, as pessoas foram orientadas a aguardarem em ordem alfabética. Os que aguardavam começaram a perguntar seus nomes para se organizar.

- Sou Fernanda, e você?
- Fernanda também.

E sentaram-se uma ao lado da outra.

- Você foi prática. Qual seu signo?
- Sou virginiana.
- Eu também. De que ano?
- 1990
- Ah.. Eu também. Olha só... Mesmo nome, mesmo ano, mesmo signo. Coincidência mesmo.

Sorrisos e uma pequena pausa.

- Será que demora muito? Tento tanta coisa pra fazer ainda hoje.
- Pois é, eu também.
- Você faz o que?
- Sou dona de casa. Mas tenho que buscar as crianças na escola e preparar o jantar. E você?
- Eu trabalho numa empresa de consultoria. Tenho que fazer a mala. Viajo amanhã.

- Ah, eu adoro viajar.
- Ai... eu ao contrário, viajo tanto. Tudo que eu queria era poder passar uns dias em casa.
- Taí uma coisa em que somos diferentes, então. Kkk.... Pra onde você vai?
- Vou pra Itália.
- Nossa, meu sonho conhecer a Itália...
- É linda! Mas tudo muito confuso lá.

Outra Pausa.

- Seus filhos, que idade tem?
- A menina 8 e o menino 5 anos.
- Que coisa boa. Adoro crianças.
- Você tem filhos?
- Não. Com essa vida corrida que levo, não consigo nem namorar direito. Kkkk
- Eu imagino.
- E você? Vive com o pai das crianças?
- Sim. Estamos casados há 10 anos. Nos damos bem. O que é bom, porque dependo totalmente dele, né. Parei de trabalhar quando a Aninha nasceu.
- Meu sonho. Um bom marido pra me sustentar. Kkkk
- É... mas na verdade, eu sinto muita falta da minha independência. Ganhar meu próprio dinheiro, sabe.
- Pois eu trocaria todo meu dinheiro por uma relação estável, ter filhos, alguém que cuidasse de nós e passar tempo de qualidade com eles...

Silêncio.

A atendente chama:

- Fernanda Alves!

- Sou eu — respondem juntas.

As duas se levantam. Se entreolham.

E por um segundo, hesitam. Como se escolhessem qual delas devesse atravessar aquela porta.

As duas pensam na vida que não tiveram.

A atendente repete o nome.

Só uma responde desta vez.

E atravessa a porta — levando consigo a outra, como uma vida que ficou por viver.

**Eliana Bianco**



# EU ME PENSO AQUI COMO UM OUTRO

Eu me penso aqui como um outro.  
Eu me sinto aqui como eu mesmo.

Mas me foge o chão, o prumo, a velação.  
Como se de velas se fizesse o tempo.

Chama e prece,  
vento,  
liberdade.

E o instante, o leme,  
a vontade.

Minha vontade.

Eu sou eu,  
e sou eu em ti,  
como tema, sol,  
infinidade.

Como passo, toque e fresta,  
como um beijo.

Cada um, um só, e todo mar  
em si,  
serenidade.



# HETERÔNIMO

Não sou nada.  
Nunca serei nada.  
Não posso querer ser nada.  
À parte isso, tenho em mim todos os nomes que me deram.

E todos me chegam antes.

Chamam,  
e algo responde.  
Mas, não sou eu.  
Ou sou eu apenas no modo como fui dito.

Há sempre esse atraso.  
Essa diferença mínima  
entre o que me nomeia  
e o que, em mim, tenta corresponder.

E falha.

Sou o que ficou escrito em mim  
como quem ocupa uma casa alugada  
sem nunca desfazer as malas.

Os móveis já estavam aqui.  
As palavras também.

Eu apenas me instalei entre elas.

Às vezes penso que, se saísse agora,  
outro viria  
e caberia perfeitamente no mesmo lugar.

Com o mesmo nome.  
Com as mesmas frases.  
Com os mesmos gestos que julgo meus.

E talvez ninguém percebesse.

Talvez eu mesmo não percebesse.

Porque o que sou  
é essa tentativa contínua  
de coincidir com algo  
que nunca me pertenceu inteiramente.

Há um ponto,  
um pequeno ponto cego,  
em que deixo de me alcançar.

E é ali que começo.

Chamam isso de desejo.

Mas não é vontade.  
Não é falta de objeto.  
É falta de mim.

Um vazio que não se preenche  
porque não foi feito para ser preenchido,  
mas para me mover  
como uma engrenagem sem centro.

Se eu não fosse o que sou, então,  
o que eu seria?

Outro nome me atravessando.  
Outra frase me dizendo.  
Outro erro de linguagem  
tentando se estabilizar em forma de vida.

Nada mais.

Nada menos.

Porque, no fundo,  
e isso digo sem saber exatamente quem fala,

sou apenas isso:

um efeito de linguagem,  
atravessado por um desejo que não domino,  
sustentado por um nome  
que nunca me contém completamente.

E se há algo em mim que escapa,  
não é o que falta corrigir.

É o que insiste  
em não caber.

**Mario Aquino**



# MEDITAÇÕES DE QUIXOTE

Não sou Alonso Quijano, nem Quijano me nomeio,  
porque sou Dom Quixote, aquele cujo nome há de correr pelo mundo ao compasso de armas e de feitos.

Não sou fidalgo, nem homem comum entre os homens,  
porque sou cavaleiro andante, nascido para desfazer agravos, endireitar injustiças e pôr meu braço a serviço da honra.

Não suspiro por Doroteia, nem por Marcela,  
porque sou de Dulcineia del Toboso, soberana de meu peito, glória de minha ventura e norte de minhas cavalarias.

Não me coube Babieca, nem Bucéfalo por companheiro,  
porque sou senhor de Rocinante, que, sendo o que foi, veio a ser o primeiro de todos os cavalos do mundo.

Não trago capa aos ombros, nem gibão ao corpo,  
porque sou homem de armadura feita, própria de cavaleiro, e minha vida não é de repouso, mas de feitos.

Não sigo só por estes caminhos, nem entrego minhas empresas ao vento,  
porque sou acompanhado de Sancho, meu escudeiro fiel, homem simples e de bom coração, a quem a ventura quis juntar às minhas armas e aos meus dias.

E assim saibam quantos me ouvirem: que não vim ao mundo para o sono dos homens quietos, nem para a sombra dos nomes esquecidos, porque vim para o perigo, para a fama e para o serviço daquela sem-par senhora, por quem vivo, luto e padeço.

Eu sou Dom Quixote de la Mancha.



INSCREVA-SE E RECEBA AS PRÓXIMAS EDIÇÕES



# MAGNETICA

